



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CECH - CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DHI - DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

ELEZIANE BISPO SANTOS

NAS TRILHAS DAS MEMÓRIAS DE ANA MARIA FONSECA MEDINA

São Cristóvão (SE)

2017.1

ELEZIANE BISPO SANTOS

NAS TRILHAS DAS MEMÓRIAS DE ANA MARIA FONSECA MEDINA

Artigo apresentado à disciplina Prática Pesquisa, como requisito à obtenção do título de Licenciatura Plena em História, pela Universidade Federal de Sergipe, orientador Prof. Dr. Claudefranklin Monteiro Santos.

São Cristóvão (SE)

2017.1

RESUMO

O presente artigo se apresenta como um ensaio biográfico de Ana Maria Medina da Fonseca, escritora da Academia Sergipana de Letras, natural da cidade de Boquim-SE, à guisa das discussões presentes nos trabalhos de Pierre Bourdieu, Norbert Elias e Philippe Levillain. Metodologicamente, pauta-se na técnica desenvolvida por Ângela de Castro Gomes, em seu livro *Escrita de Si, Escrita da História*, de 2004. Sobretudo se considerarmos que as informações aqui contidas se pautam nas memórias da biografada, seja por intermédio da análise de sua fortuna crítica, seja por meio de entrevista e discursos, no afã de entender a ambiência cultural de Sergipe vivida por ela.

Palavras-chaves: Ana Maria Medina da Fonseca, Biografia, Memória.

ABSTRACT

This article is presented as a biographical essay by Ana Maria Medina da Fonseca, author of the Academia Sergipana de Letras, a native of the city of Boquim-SE, in the light of the discussions in the works of Pierre Bourdieu, Norbert Elias and Philippe Levillain. Methodologically, it is based on the technique developed by Ângela de Castro Gomes, in his book *Escrita de Si, Escrita da História*, 2004. Especially if we consider that the information contained herein is based on the biographical memories, either through the analysis of his critical fortune, whether through interviews or speeches, in the effort to understand the cultural environment of Sergipe lived by her.

Keywords: Ana Maria Medina da Fonseca, Biography, Memory.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	06
A MENINA E A MOÇA	07
A ESCRITORA	13
A ACADÊMICA	18
A AGENTE CULTURAL	21
REFERÊNCIAS	23

Apresentação

A biografia é um gênero recorrente na obra dos historiadores. Nem sempre um consenso, sobretudo quando em voga estão questões de ordem teórica e metodológica. O fato é que no campo da história haverá sempre espaço para a trajetória de sujeitos que, de alguma forma, marcaram e sofreram os condicionantes de sua época, nos diversos ramos do saber e do saber fazer humanos.

Em seu célebre texto sobre biografia¹, Pierre Bourdieu afirma que não é uma tarefa fácil compreender a trajetória de um indivíduo e que é preciso mais do que buscar compreendê-lo, cotejando-o à luz de seu tempo e de seu lugar social. E quando essa personagem está imersa num universo de práticas culturais, a nossa tarefa se amplia e abre inúmeras possibilidades.

Nessa perspectiva e à guisa de outras discussões sobre o assunto, presentes em Norbert Elias² e Philippe Levillain³, o presente artigo se apresenta como um ensaio biográfico, narrativo-descritivo, cuja metodologia aplicada foi inspirada no trabalho de Ângela de Castro Gomes, em seu livro *Escrita de Si, Escrita da História*, de 2004. Sobretudo se considerarmos que as questões aqui apresentadas pautam-se nas memórias de Ana Maria Medina da Fonseca.

Natural da cidade interiorana de Boquim, conhecida por sua histórica e significativa produção de laranja, Ana Medina despertou nossa atenção não somente pela conterraneidade, mas também por sua singularidade no cenário da História Cultural de Sergipe, notabilizando-se no campo da literatura e da memória cultural, com obras que lhe renderam um lugar na Academia Sergipana de Letras, onde ocupa a cadeira de número 16.

Ousando flertar com a narrativa, a opção por uma redação que se assemelhasse ao estilo da biografada está entre as nossas contribuições, sobretudo para quem possa oportunamente fazer mergulhos mais profundos. E nessa toada, centramos nossa atenção em três momentos da autora, repletos de inúmeras e importantes reminiscências que podem apontar caminhos para a compreensão de aspectos locais e principalmente da ambiência cultural de Sergipe vivida pela escritora Ana Maria Medina da Fonseca

¹ BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

² Cf. ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

³ Cf. LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (Org.) Por uma história política. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

A menina e a moça

Do ponto mais alto da igreja dedicada a Senhora Santana, o som estridente do sino despertava os moradores da pequena cidade de Boquim, que na década de 1940 tinha a aparência de um local simples, semelhante a um vilarejo, mas que aos poucos trazia características de uma cidade em processo de modernização. Possuía calçamento de pedras portuguesas, casarões com portas altas e grandes janelas.

Berço de Hermes Fontes⁴, tinha uma praça em sua homenagem, localizada no centro da cidade, onde encontrava-se um destacado obelisco com o busto do poeta, onde era comum as pessoas pousarem para fotografias, em frente ao monumento, sempre bem arrumadas. Todos procuravam a melhor maneira para sair bem na foto.

Não muito distante da praça Hermes Fontes, descendo a ladeira da fonte da mata, ouvia-se o canto das lavadeiras, que com o sol ardendo na pele, não se deixavam abater pelo cansaço nem pelo desânimo, e a margem daquela fonte que brotava a água doce e límpida entoavam uma só voz...

Lava, lava, lavadeira,
A roupinha de Nosso Senhor
Lava, lava, lavadeira
A roupinha de nisso senhor...⁵

Tendo a agricultura como sua principal fonte econômica, a cidade de Boquim conseguiu progresso com a chegada das linhas férreas, que possibilitaram a exportação e importação de diversificados produtos. Tal chegada, também acabou mudando o hábito dos moradores do local, que nos dias de domingo, arrumavam-se com uma boa vestimenta e iam até a estação ferroviária, ver a chegada dos trens, e junto a ela as novidades, como por exemplo ver novas pessoas.

Timidamente, desde a década de 20 a laranja começou a se destacar na economia local, levando o Município nas décadas seguintes, a ser considerado o maior produtor do Brasil, esse destaque, deu a cidade o título de “Terra da laranja”, e através de Benjamin Fernandes da

⁴ Natural de Boquim, no dia 28 de agosto de 1888, foi compositor e poeta, com colaborações para alguns jornais e revistas brasileiras, a exemplo de Folha do Dia, Correio Paulistano, Diário de Notícias. Estudou na Faculdade Nacional de Direito (UFRJ). Na Academia Sergipana de Letras, ocupou a cadeira de n. 16, cujo Patrono era Pedro Calazans. Nas primeiras décadas do século, já era reconhecido entre os grandes talentos nacionais. Morreu tragicamente em no dia 26 de dezembro de 1930, cometendo suicídio.

⁵ Versos atribuídos ao cancionário popular de Boquim.

Fonseca⁶, que buscou inspiração na Festa da Uva, em Caxias do Sul, foi criada a tradição da “Festa Da Laranja”, no ano de 1956.

Nesse contexto em que a pequena cidade passava por um processo de mudanças com o desenvolvimento econômico e a chegada gradativa da modernidade, nascia, no dia 20 de outubro de 1941, o fruto da união entre, Raymundo Fernandes da Fonseca e Maria Isabel Silveira do Nascimento Fonseca. Uma menina que vinha a ser considerada uma ilustre filha da terra, batizada com o nome de Ana Maria do Nascimento Fonseca, pertencente a uma grande família, composta por onze irmãos.

Ana Maria, como era carinhosamente chamada, guardou consigo ao longo de sua vida lembranças dos seus oito anos que vivenciou na antiga Boquim, memórias relacionadas aos tempos de colégio, acontecimentos que envolvem a religiosidade católica, onde sua família sempre se fez presente, até mesmo porque “*a vida social em Boquim, girava em torno da vida da igreja*”⁷.

Das recordações dos tempos de colégio, onde foi alfabetizada, no Grupo Escolar Severiano Cardoso, ela rememora vigorosamente alguns momentos que presenciou naquela instituição de ensino, como podemos ver nesse trecho de uma das suas crônicas chamada *Tecendo Lembranças*

Perto das sete horas, a meninada do Grupo Escolar Severiano Cardoso, curiosa, vagava atabalhoadamente, esquecendo o rigor do horário. Às sete horas em ponto, diariamente, Dona Fausta Vieira reunia as crianças para entoarem os hinos cívicos. Os retardatários ficavam na secretaria escrevendo várias vezes “devo ser pontual”⁸.

Assim como os acontecimentos diários da cidadezinha fazem morada em suas lembranças, a descrição do ambiente em que passou sua infância também é algo inesquecível em sua memória. Um fato de suma importância para o ano de 1947, na cidade de Boquim, foi a chegada de um jovem sacerdote chamado de Padre Gumercindo⁹, junto a algumas jovens freiras, onde foram recebidas na residência de Raymundo Telegrafista, como era chamado o pai de Ana Medina. Em uma oração, no Colégio Santa Teresinha, em homenagem a

⁶ Médico de renome nacional, nascido em Boquim em 31 de março de 1862.

⁷ MEDINA, Ana Maria Fonseca. Trilhando Memórias: Boquim nas Primeiras décadas de Século XX. Aracaju, SERCORE, 2013.

⁸ Crônica: Tecendo Lembranças. Acervo pessoal de Ana Maria Fonseca Medina. s/d.

⁹ Padre José Gumercindo dos Santos.

Raymundo Fernandes, a autora presta uma bela homenagem ao grupo escolar, descrevendo com detalhes o dia em que as relações entre o jovem sacerdote e sua família se estabeleceram:

A rua onde morávamos era estreita e ainda de calçamento português, feito da gestão do meu avô materno, o intendente João Alves do Nascimento, nos anos 20 do século passado. A casa de Raymundo Telegrafista, parecia estar em festa naquele de 1947, era a recepção a um jovem sacerdote e a algumas freirinhas.

Aos poucos o muro do jardim da nossa residência ia ganhando um colorido diferente, crianças, velhos, tipos de rua acomodavam-se para ter uma visão do interior daquela casa... Os burrinho carregadores de água da “Fonte Da Mata” passavam trotando pelo calçamento e o tangedor não hesitava em romper o trabalho e espiar aquela movimentação...¹⁰

A relação do poeta Góes Duarte com a família dos Fernandes da Fonseca, marcou profundamente a vida da pequena Ana Maria, em um contato tão próximo que se gerou um afeto familiar levando-a a chama-lo de tio Joca. Raymundo Fernandes da Fonseca possuía um laço de amizade com o poeta que duraria até o fim de suas vidas. Dos tempos que Góes Duarte passou em Boquim trabalhando nos Correios e telégrafos, cativou um carinho enorme que acabou sendo transbordado em um belo poema, escrito na varanda da casa de Raymundo telegrafista, onde a atenta menina, presenciou o momento de sua criação

Repare como o céu aqui pé diferente:
Mais azul e profundo,
E tão suave, - atente!
Que até parece seguir a gente
Um céu diverso do que cobre o Mundo!
Você já viu noutras paragens, porventura,
Uma nesga, sequer de céu assim,
De fascínio tamanho,
E de que tal doçura, como esse Céu estranho,
De Boquim?
Você conhece, acaso, um outro Céu assim?¹¹

Por mais que o céu da cidade de Boquim fosse considerado pelo poeta Góes Duarte como um dos mais lindos, há quem considere uma cidade noturna carregada de mistérios, onde um personagem do folclore brasileiro, pairava sobre o imaginário da sociedade daquela época. Quando o silêncio da noite era rompido pelo barulho trepidante dos gatos em cima dos telhados, Beatriz, a cozinheira da casa dava vida a história da mula sem cabeça

¹⁰ Oração gratulatória, no Colégio Santa Teresinha, em homenagem a Raymundo Fernandes. Acervo pessoal de Ana Maria Fonseca Medina. s/d.

¹¹ Idem.

A malícia da narradora era incrível. Dizia que as mulas sem cabeça usavam disfarces, trotavam por sobre o calçamento, vestiam casacos escuros, entre outros adornos.

Uma das noites, em que se rezavam novenas à padroeira, e já a luz se fazia pálida, por traz das bananeiras dos casarões em ruínas, e os gatos voltavam a miar escandalosamente, vinha a pobre mulher das bandas da matriz, trajando seus habitual casaco de astracã, preto, surrado, usando um chapéu que lhe cobria todo o rosto. Das mãos pendia-lhe um enorme terço de contos de cristal, que a emitia luz parecia iluminado, imaginavam-se ter sido presente do padre. O calçamento da rua era de pedra portuguesa, o que dava ao cenário elemento para deixá-lo mais semelhante ao da lenda. O toque-toque do sapato da senhora, num claro modelo anos vinte, lembrava o trote da história.¹²

A pequena Ana Maria levou essa experiência como um trauma de infância que a acompanhou pelo resto de sua vida. No fim do texto de onde foi retirado o trecho acima, ela deixa bem clara tal afirmação “*Cresci com medo de gatos, e de casacos de pele.....*”¹³

A presença da religiosidade católica sempre foi algo que norteou sua vida desde sua infância, sobretudo por pertencer a uma família devota do catolicismo e engajada nas obras da Igreja da pequena Boquim, onde sua mãe, “Dona Mariah”, estava sempre realizando obras de caridade para o fortalecimento e preservação da fé entre os buquinenses, atuando de forma bastante participativa na pequena matriz de Senhora Santana.

São fatos que sempre estão estampados em seus trabalhos, seja em um livro, uma crônica ou em um discurso. Na crônica *Tecendo Lembranças* é narrado, de forma bastante descritiva e detalhada, a realização das Santas Missões que, aconteceram na cidade de Boquim por volta dos anos 1950. A festividade envolta a esse fato era de suma importância para os fiéis católicos que se levantam na madrugada fria, para se fazerem presentes em uma procissão partindo da igreja matriz para o cemitério local. No decorrer do dia, o ponto sublime era a celebração da Missa campal e a cerimônia dos casamentos.

A cidade jazia desperta desde as quatro horas da manhã, quando o sino vertiginoso se misturava como o pipocar dos foguetes. Afinal era época das Santas Missões (...)

...O ponto Alto desses encontros de fé era a noite, quando acontecia a missa e a bênção do santíssimo em que muitos convertidos recebiam através dos sacramentos o passaporte para a entrada no céu, segundo a orientação dos zelosos pregadores que se encarregavam de fazer as práticas de convertimento...

¹² MEDINA, Ana Maria Fonseca. O Casarão de Astracã, Pagina 8 JUDICIARIUM N° 23, Aracajú, Abril de 1998.

¹³ Idem.

...Terminada a Missa celebravam-se os casamentos... o cenário era bonito. A Praça quase em penumbra ganhava vida pela iluminação bruxuleante das lamparinas de azeite e velas que os fiéis carregavam. Os amasiados se enfileiravam para o grande momento¹⁴.

Ainda menina, ela viajou pela primeira vez para capital sergipana, para presenciar a procissão do Bom Jesus dos Navegantes. Tal acontecimento preencheu seu pequeno ser de expectativas, afinal, algo extraordinário estava por acontecer, em uma época em que viagens a longa distância eram feitas de trem. Ela, juntamente com toda sua família, embarcou na estação ferroviária de Boquim, com o destino à Aracaju.

Vinha-se de trem, trazendo na bagagem as esperanças infantis de descobrir a Capital com sua magia de luzes de neon, de passeios de bonde, de visitas ao aquário no parque Teófilo Dantas, da feitinha natalina, de ver na Ponte do Imperador ou, do cais a procissão do Bom Jesus Dos Navegantes.¹⁵

A procissão de Bom Jesus dos Navegantes acontecia no dia 1º de janeiro, no centro da cidade aracajuana, onde o grande público que ia prestigiar tal acontecimento concentrava-se na Ponte do Imperador ou no cais buscando um local privilegiado para apreciar aquele ato de fé. Essa experiência, que passara na infância, não ficou estacionada no passado pois, no ano de 1999, foi publicada sua primeira obra bibliográfica, intitulada *Ponte do Imperador* onde aquela experiência de menina norteou o seguimento do conteúdo do livro, deixando eternizado para seus leitores aquele dia formidável e significativo em sua vida.

Aos oito anos de idade, sua família mudou-se para a capital sergipana buscando uma perspectiva de vida melhor, onde toda a prole pudesse ter acesso a uma educação de qualidade, frequentando boas instituições de ensino, assim como descreve Ana Medina: “...meu pai entendia que a gente, que era família grande tinha que estudar então, todo mundo veio para Aracajú para estudar¹⁶”.

Após mudar-se para Aracaju, Ana Medida deu seguimentos aos seus estudos no segundo ano do Colégio Menino Jesus, localizado na rua Maruim, considerado um dos melhores colégios da época. No decorrer de sua formação escolar, influenciada por ótimos professores, ela conseguiu agregar conhecimentos que segundo a própria escritora à

¹⁴ Crônica: Tecendo Lembranças. Acervo pessoal de Ana Maria Fonseca Medina. s/d.

¹⁵ MEDINA, Ana Maria Fonseca. Ponte do imperador: Ponte do Imperador símbolo da cidade. 2/ edição – Aracaju/SE: Gráfica J. Andrade 2005.

¹⁶ Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 25 de janeiro de 2017. Aracaju-SE.

influenciaram de certa forma para que ela trilhasse o caminho pela pesquisa e pela escrita, assim como a paixão pela literatura.

Dos tempos de mocidade, ela traz recordações valorosas da contribuição do saber que obteve quando participou de uma associação chamada JEC (Juventude Estudantil Católica)

...quando ainda adolescente eu entrei na, numa associação chamada JEC (Juventude Estudantil Católica) que era assim de uma importância incrível para formação da juventude da minha época, o orientador principal era Dom Luciano José Cabral Duarte que dirigia a JUC que era a Juventude Universitária Católica, e a JEC que era o Padre Claudionor e o outro Padre que ele era muito, era até muito considerado de esquerda¹⁷, eu acho que ele era de Lagarto...¹⁸

Seu ingresso na faculdade tornou-se um momento marcante, por tratar-se do período em que o Brasil sofria o Golpe Militar de 1964, na Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe, quando ainda não era uma universidade. Ela pôde vivenciar a euforia do primeiro trote onde junto a seus colegas tiveram que voltar as pressas para casa, correndo da euforia da “revolução” que tomava conta das ruas. Ainda como universitária do curso de Letras, presenciou situações de opressão vendo alguns colegas sendo retirados da sala de aula para e recolhidos para 28⁰ BC.

Quando a adolescência vinha fazendo transformações em seu jovem ser, ela pôde testemunhar a inquietação de uma data que entrou para a história do país, o dia em que “o pai dos pobres”, se suicidara. O presidente Getúlio Vargas enfrentou a escuridão da morte, tornando-se para muitos um herói da pátria, como ele mesmo deixou escrito em sua carta escrita antes de tentar sua própria vida, “Suicida-se um homem, nasce um mito”.

Em um artigo publicado no Jornal da Cidade, onde se recordava aquela efeméride, 45 anos do suicídio de Vargas, foi retratado o exato dia em que ela juntamente com todos os alunos do Instituto de educação Rui Barbosa receberam a notícia da tragédia. A curiosidade tomava conta dos alunos buscando tentar entender o que se passava naquele momento, que deixava os professores abismados ao receber dos bedéis¹⁹ de forma sigilosa tal notícia. Quando todos se encontravam enfileirados na escadaria em frente ao pátio, o diretor do colégio passa a seguinte notícia

¹⁷ O Padre a que a autora se refere é o Padre Almeida.

¹⁸ Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 25 de janeiro de 2017. Aracaju-SE.

¹⁹ Pessoa responsável por manter a disciplina e a organização em uma escola.

O diretor não perdeu a elegância... Respirou fundo e disse num misto de pudor e eruditismo, próprios dos oradores do passado:

Praesidem seipum occidit.

A moçada continuou sem entender. Um dos mestres tratou de traduzir a frase latina:

O presidente suicidou-se.²⁰

A escritora

Diante de uma vida construída sobre o alicerce de ótimos mestres que desde cedo instruíram-na para o caminho da pesquisa e do amor a literatura, com por exemplo, o professor Silvério Leite Fontes²¹ onde, *menina ainda da quinta série na Escola Normal Rui Barbosa*²² era influenciada a pesquisar em cartas, Dom Luciano José Cabral Duarte, a quem tem profunda admiração por sua inteligência, Maria Lygia Madureira Pina que apresentou-lhe através da história “*a importância da memória como afirmação da cidadania*”²³. Foram alguns mestres fizeram aumentar seu interesse pelo caminho da escrita com uma pitada de cientificidade, resultando futuramente, em obras bem aceitas pelo público de leitores, levando até a premiação de algumas delas.

Como já dissemos, a sua primeira obra publicada foi a *Ponte do imperador*. Seu interesse e curiosidade de menina interiorana, que viajava com toda a família pela primeira vez para a Capital, presenciar a procissão de Bom Jesus dos Navegantes, realizada no dia primeiro de janeiro, onde a multidão se fazia presente as margens do rio Sergipe, na ponte do imperador, buscado um lugar privilegiado para apreciar as embarcações. E nesse contexto ela dá início a seu enredo. Sua primeira edição foi no ano de 1999.

A Ponte do Imperador é um monumento histórico localizado no centro da cidade de Aracaju, que na prática não é um ponte e sim um atracadouro, onde todos que tem acesso a esse monumento histórico, à conhecem pelo fato de ter sido inicialmente construída, para receber o Imperador Dom Pedro I. Ana Medina, em sua obra procurar levar ao público, o significado desse lugar a partir de diferentes pontos de vista, pois foi palco de grandes acontecimentos, sejam religiosos, políticos ou sociais, e a autora usa esse cenário, para

²⁰ MEDINA, Ana Maria Fonseca. Réquiem o Presidente, Jornal da Cidade. Aracajú, 24 de Ago. 1999.

²¹ Nasceu a 6 de abril de 1924, na cidade de Aracaju (SE), notabilizou-se por sua atuação professoral e pelos escritos de História de Sergipe.

²² Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 25 de janeiro de 2017. Aracaju-SE.

²³ MEDINA, Ana Maria Fonseca. Discursos acadêmicos, 15 de maio de 2008, p.23.

rememorar uma história do povo, para o povo. Eternizando assim o monumento, que apesar de passar por algumas transformações em sua estrutura física, e até mesmo por mudanças de nome, sempre ficou conhecida desde sua construção até os dias atuais, como a ponte do Imperador.

Um dia passando pelo monumento, ela se deparou com algumas placas que estavam, frias, envelhecias com o tempo, e começou a se questionar o que cada uma delas queriam dizer, o que cada data daquela representou para a história que ali foi construída. Então, com o instinto de pesquisadora aguçada, foi procurar nos jornais, o que cada uma delas tinham a dizer, pesquisou não só em jornais, mas, também foi à procura daqueles que constituem o personagem principal para que a história aconteça, que é o “povo”, em suas diversas classes sociais, desde personagens que compõem a elite sergipana, até os feirantes que convivem diariamente no Mercado Central, cada relato, foi de fundamental importância para que aquelas datas comemorativas, que aconteceram na ponte do imperador, tomasse vida em sua obra. Além de jornais e relatos memorialistas, ele estudou a história do monumento através da literatura e crônicas.

Antes mesmo que virasse escritora, trabalhando no cerimonial da Prefeitura de Aracaju, o destino colocou em seu caminho alguém que a trouxe a chave para publicar sua primeira obra, um presidente da Energisa, que buscava publicar algo referente a cultura sergipana, eis então que Ana Medina apresenta-lhe um esboço de sua criação. Encantados com o que viu, não mediram esforços para que aquele esboço se transformasse no primeiro livro da autora a ser publicado. Seu lançamento, foi considerado pela autora como apoteótico.

Junto a uma exposição de artistas sergipanos *A Ponte do Imperador*, foi lançado na sede da Energisa, tendo um público de mais de 600 pessoas, com um belíssimo coquetel, com as palavras da própria autora: (...) e foi assim um rito de passagem digamos pra eles na cultura, que foi a primeira obra que eles patrocinaram em Sergipe, foi meu livro, e esse livro, foram 1000 volumes e esgotou todo.²⁴ O retorno do público, resultou em várias resenhas, no ano da publicação, foi bem aceito pela crítica, chegando a ser um dos livros mais comentados do ano.

Seis anos depois, o Ex. Governador Marcelo Deda que até então era prefeito da cidade de Aracaju, tomou interesse em fazer sua segunda edição. Sendo a Ponte do Imperador, palco

²⁴ Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 25 de janeiro de 2017. Aracaju-SE.

de grandes acontecimentos voltados para as questões sociais, o segundo lançamento da obra, teve o prestígio de ser realizado na própria ponte.

Numa tardezinha, o rio Sergipe se fazia calmo, a silhueta da barra dos coqueiros acentuava o toque de charme natural da capital sergipana, a grande prestigiada da obra recebera um toque de iluminação em todo seu espaço, para receber seu público em tal acontecimento, onde se faziam presentes, alunos, professores, políticos, feirantes que trabalham no Mercado de Aracaju, e todos que ali estavam, foram presenteados com a obra.

Quando ainda ocupava o cargo como Chefe de Cerimonial, da prefeitura de Aracaju, foi criado e idealizado pela autora, a obra Memórias da Ordem do Mérito Serigy. Segundo a autora, “Esse trabalho objetivava organizar a memória da Ordem do Mérito Serigy, historiar os fundamentos de sua criação e o processo de inclusão dos membros no fechado círculo das homenagens”²⁵.

Empregou, para tanto, no referido estudo de ritos, a luz de Roberto da Mata, onde

(...) os ritos servem sobre tudo na sociedade complexa, para promover a identidade social, construindo seu caráter, é como se o domínio do ritual fosse uma região privilegiada para se penetrar no coração cultural da sua ideologia dominante no seu sistema de valores²⁶

Na data de 22 de Março de 2005, o Iate Clube de Aracajú, preparou-se para a solenidade do segundo lançamento da autora, dedicado ao prefeito Marcelo Deda, agraciado com as seguintes palavras “*ao prefeito Marcelo Deda por sua constante e inspirada sensibilidade com as questões da memória sempre valorizando o lado labor que é a pesquisa e a responsabilidade cívica que é própria dos estadistas*”²⁷. A obra foi patrocinada pela prefeitura de Aracaju, assim como a segunda edição da Ponte do Imperador, seu lançamento teve o intuito de ser doado ao público.

A pequena Ana Maria, na Boquim da década de quarenta, observava seu pai abrir o cofre da família e retirar algumas cartas, que a deixava muito curiosa, não se aguentava de curiosidade e logo questionava, do que elas se tratavam, com a paciência de pai afetuoso respondia a sua pergunta, dizendo que era cartas de Hermes seu compadre padrinho da filha mais velha.

²⁵Livro sobre Memória da Ordem do Mérito Serigy será lançado hoje. Disponível em: <http://www.institutomarcelodeda.com.br/livro-sobre-memoria-da-ordem-do-merito-serigy-sera-lancado-hoje/> acesso: 20 de ago. de 2017.

²⁶ Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 22 de agosto de 2017. Aracaju-SE.

²⁷ Idem.

As lembranças daquelas cartas acompanharam-na até sua juventude, onde, certa vez seu pai a emprestou uma delas e a jovem mostrou a um professor da faculdade que, ficou encantado quando viu aquele documento, despertando na jovem um certo interesse, assim se passaram quarenta anos, até que de fato ela sentiu que era de suma importância resgatar outras cartas do poeta, para nelas estudar além de sua vida, suas ternuras e angústia que o levaram ao caminho do suicídio.

Envolta em um laço de afetividade que seu pai Raymundo possuía com o poeta Hermes Fontes, ela mergulhou em um trabalho que desencadeou em bons frutos, intitulado *Cartas de Hermes Fontes*. Nessa obra, a autora procurou, tratar da ternura e da angústia do poeta, através de suas cartas, não apenas narrando sua trajetória de vida, mas havendo também a presença de suas cartas anexadas a obra. Uma obra construída sobre árduas pesquisas, com seu toque de sensibilidade artística, foi agraciada na União Brasileira de Escritores, no Rio de Janeiro, com o prêmio Ademar Cavalcante, escolhida entre várias obras de todo o Brasil.

Com a iluminação de velas gigantes, e a imagem de Divina pastora madrinha do Poeta, seu lançamento aconteceu na sociedade Semeiar, a melodia que embalava aquele evento, foi agraciado com dois contaste sonoros, primeiro com a apresentação de música clássica feita por Joel Magalhaes, que presenteia a autora com seu talento musical e após sua apresentação, houve a atuação do cantor boquinense José Costa, um rapaz que levou de sua terra a seresta, vocalizando Luar de Paquetá e outras músicas a luz do poeta Hermes Fontes, naquela noite, também se fizeram presentes seus conterrâneos como prefeitos, vice prefeito, professores e outras pessoas de sua terra. Esse lançamento tocou profundamente o coração da autora.

Um dos trabalhos realizados pela autora, que exigiu de si uma grande responsabilidade, foi coligi um trabalho de Epifânio Doria numa certa interpretação que foram dois livros de 600 páginas cada um deles, intitulado “As Enfermerides de Sergipe”. Essa labuta durou oito anos de pesquisas, levando em conta que naquele tempo, todo o trabalho de copiar era feito à mão, e assim, ano após ano ela conseguiu presar mais essa contribuição para a história sergipana, em entrevista realizada com a autora, ela discorre como foi o processo de sua realização e como ele chegou a ser publicado: (...) foi um trabalho hercúleo era um trabalho par ser feito com uma equipe de dez vinte pessoas, e eu fiz sozinha e quando mostrei a Dr. Marcelo ele disse lindo este trabalho, *imprimator* em latim.²⁸

²⁸ Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 22 de agosto de 2017. Aracaju-SE.

O lançamento da volumosa obra foi realizado na própria Biblioteca Epifânio Dória, e buscando de uma forma poética homenagear, Epifânio Dória, embalados ao som da música clássica, esse lançamento dispensou a tradicional mesa arrumada, e contou como o encanto de rosas espalhadas pelo chão do palco, dando a aquele momento um toque de requinte singular.

Trabalhando no Tribunal de Justiça de Sergipe, Ana Media decidiu biografar o Dr. Mário Cabral, que inclusive, foi o prefaciador da obra *Ponte do imperador* em sua segunda edição. Esse trabalho foi, inicialmente, acompanhado pelo biografado através de entrevistas, mas antes que a obra fosse concluída, ele faleceu, no dia 02 de abril de 2009, em Salvador. A autora então dispunha de sua presença através de suas cartas, nas quais ele transmitia que estava gostando bastante dos textos até então foram produzidos, e que estava muito feliz vendo o desenvolvimento daquele trabalho. Para que esse trabalho fosse concretizado, foi necessária a durabilidade de dois anos e meio.

O lançamento desta obra, estreou como o primeiro realizado no Museu Palácio Olímpio Campos. O Mons. Olímpio Campos era seu tio avó, uma figura bastante respeitada por todos os membros de sua família, e esse respeito que a autora trazia consigo, a deixou bastante honrada em fazer esse lançamento em um local histórico, que levava o nome de alguém a quem ela possuía bastante veneração. Foi Organizado naquela cerimonia, um sarau, onde várias pessoas declamaram poesias. O som da flauta doce, embalava o espaço que recebera a solenidade, acompanhados a um jogo de luz, todo o ambiente foi carinhosamente decorado com rosas, postas em cima das rendas que cobriam as mesas, para melhor receber todos os presentes, foi servido um coquetel deixando aquela noite marcada na memória da autora. Nesse cenário poético estiveram presentes personalidades da área jurídica, políticos e estudiosos. Os frutos da obra, foi muito além do que se podia imaginar, lhe rendeu o prêmio Hermes Fontes pela União Brasileira de escritores.

A última obra publicada pela autora foi *Trilhando Memórias*, resultante de constantes pesquisas unidas a vários relatos guardados durante dez anos, que trazem uma riqueza sobre memórias, não só da sua família como de parte do estado sergipano. Escrita como forma de homenagear sua mãe “Dona Mariah” que estava em centenário, ela conseguiu pairar por diversos temas referentes a economia, a cultura popular, e o desenvolvimento do município de Boquim.

As raízes familiares da autora são apresentadas na obra de forma um pouco difícil de ser compreendida por quem não pertencem ao Clã familiar, mas, no decorrer de sua escrita, a

capacidade que Medina possui de descrever fatos e acontecimentos de forma tão clara e envolvente, faz com que o leitor mergulha no mar de memórias que vão sendo decorridas a ponto de se sentir dentro da apropriada história.

A leitura desta obra consegue tocar no lado emocional do leitor, principalmente se o mesmo pertencer as cidades que ela menciona no livro, como por exemplo, Boquim e Itabaianinha, São Cristóvão entre outras. A veracidade dos fatos são apresentadas de tal forma que, só alguém com uma sensibilidade artística de brincar com as palavras conseguem desenvolver, o trabalho da autora conseguiu sintetizar em um pequeno livro, uma vastidão de acontecimentos não só escritos, como também ilustrados por fotografias da época abordada, poemas, cartas e canções.

Como seu afeto de filha, Ana Maria considerou o lançamento desta obra com “*uma coisinha linda*”²⁹. O Museu da Gente Sergipana, foi palco da solenidade de sua última Obra. Em uma noite nostálgica, o quarteto de Violino entoavam uma melodia ímpar, e pensado como um momento marcante não só para agradecer os familiares, que tanto amavam a matriarca, mas também para ex-alunas de dona Mariah que fizeram-se presentes naquela data marcante, todas senhorinhas com a idade avançada, mas que carregavam em suas memórias, lembranças vigorosas daquela que durante sua juventude a instruíam-na ao aprendizado escolar.

Pensada inicialmente para ser um livro só para sua família, o trabalho acabou rendendo, tornando-se um livro bastante lido, pela população de leitores boquinenses. Para além dessa importância, foi premiado pelo conjunto da obra, sendo uma grande surpresa para a autora, que não imaginava que aquela homenagem tomasse tal dimensão.

A acadêmica

Em 1929, um memorável oráculo dos imortais surge em nas terras *Del rei*, a Academia Sergipana de Letras. Sendo Sergipe berço onde nasceram escritores, poetas e doutores, não poderia deixar de homenagear de forma tão sublime aqueles que contribuíram para o progresso de sua sociedade, com a graça da imortalidade intelectual. Composta por 40 cadeiras, ela segue o modelo da academia Brasileira de letras sempre tendo uma vaga preenchida quando há o falecimento de algum acadêmico. Para que haja uma nova ocupação,

²⁹ Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 22 de agosto de 2017. Aracaju-SE.

o candidato precisa de uma vida intelectual ativa, seja por meio da literatura, produção científica ou artístico.

Aquela pequena menina que deixara sua terra natal com toda família, para tentar uma vida próspera na capital, jamais imaginaria as surpresas que a aguardavam no futuro.

Em uma vida instituída por vários trabalhos notáveis ao público, uma das maiores emoções que Ana Medina pode sentir em sua jornada, foi o dia em que a imortalidade literária apodera-se de seu ser. Em 15 de maio de 2008, autoridades sergipanas fizeram-se presentes para acolher a mais nova acadêmica sergipana. Sendo alguém que não despunha de vaidades intelectuais, e que no decorrer de suas ações, desconhecia o desejo insaciável de ocupar a cadeira dos imortais, acabou sendo impulsionadas por amigos, como Mario Cabral, Manuel Cabral Machado, Carmelita e entre outras grandes figuras que faziam parte da Academia Sergipana de Letras, a ingressar nesse novo mundo. Conseguindo ser acolhida quase que por unanimidade por todos os membros da casa. Em entrevista realizada com a autora, ele expressa seu pensamento após tomar posse na academia

A sensação de entrar na academia é uma coisa emocionante, mas não me deixa como muitas pessoas com aquele orgulho de ser acadêmica, me aumentou a responsabilidade, eu acho que a gente como acadêmica tem que ter não só responsabilidade como humildade de se achar sempre a caminho então, sempre labutando como operária da cultura, não como um ser olímpico que se viu cheio do poder e agora é melhor do que todo mundo, não é bem assim³⁰

Após todo trabalho prestado ao Estado sergipano, estando a frente do museu Histórico de São Cristóvão, seu reconhecimento no meio intelectual já era algo que vinha sendo estampado em manchetes de jornais, e não podia ser diferente em uma data tão sublime como no dia de sua posse na cadeira número 16, a qual teve como fundador o poeta boquinense Hermes Fontes, considerado o maior vulto histórico da cidade, e tendo como antecessores, Exuperio de Santana Monteiro, Abelardo Romero Dantas, ela sucedeu a professora Ofenísia Freire.

Poucas vezes em uma ocasião semelhante, se viu tanta gente, tantas autoridades, numa demonstração de prestígio e de carinho merecidos pela

³⁰ Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 25 de janeiro de 2017. Aracaju-SE.

primorosa autora de Ponte do Imperador, e responsável também por tantas ações na área da cultura³¹

A data de sua posse não fora escolhida por acaso pois, 15 de maio, é comemorado o dia daquele que junto com dona Mariah deram-lhe a vida. Há exatos 103 anos foi concebido seu amado pai, homem a qual tem eterna e profunda admiração, Raymundo Fernandes da Fonseca. Em seu discurso de posse, ela não perdeu a oportunidade de homenageá-lo com as seguintes palavras

Meu pai era um homem de bem, fiel aos princípios éticos e morais, um pai de família exemplar, um homem de coragem, que nem mesmo diante das perdas lutas por que passou distanciou-se da ternura. Respeitado, admirado e admirável, um cidadão brasileiro que escreveu sua história fazendo o bem. Viveu quase noventa anos, sessenta do lado da minha mãe Maria Isabel Silveira do nascimento Fonseca, mulher fervorosa, dócil, amante das artes.³²

Na solenidade de posse na cadeira 16, esteve presente ao seu lado, aquele amigo que a apoiou e deu-lhe o suporte necessário sempre que lhe foi possível, o governador Marcelo Déda, aquele a qual Ana Medina tinha profunda admiração e respeito não só pela sua inteligência, mas também pela maneira com que ele valorizava as questões ligadas a preservação da memória sergipana. Naquela noite, o governador homenageou a autora pronunciando as seguintes palavras

É uma alegria presenciar a posse da professora Ana Medina na Academia Sergipana de Letras, pois sou testemunha do seu talento e do cuidado com que ela preserva e divulga a memória sergipana. É uma merecida homenagem e a academia se enriquece cada vez mais com a sua presença", afirmou o governador.³³

Suas recorrentes aparições em jornais e revistas só reforçam a certeza de que sua vida intelectual, foi pautada em constantes trabalhos que enalteceram a cultura sergipana. Para além de sua contribuição na cultura do seu estado, o reconhecimento no meio intelectual, foi agraciado nacionalmente. No Jornal Cinform, o ingresso da escritora na Academia, foi

³¹ COSTA, Luiz Eduardo. Opinião, página 11 Jornal do Dia, Aracaju. Maio de 2008.

³²Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 22 de agosto de 2017. Aracaju-SE.

³³ Déda prestigia posse de Ana Medina na Academia Sergipana de Letras. Disponível em: <http://agencia.se.gov.br/noticias/governo/deda-prestigia-posse-de-ana-medina-na-academia-sergipana-de-letras>.

acolhido com muitos elogios, onde além de apresentar suas obras publicadas, apresentou-se também os frutos que recebera fora do seu estado através de sua obra sobre Hermes Fontes

Este livro lhe rende frutos ainda hoje. Entre os principais estão o prêmio de melhor livro de acordo como a União Brasileira de Escritores – UBE – e o título de conselheira na Associação Cultural de Arquivo Nacional...

São contribuições muito importante que ela tem dado e que tem marcado não só na vida intelectual de Sergipe, como tem chamado a atenção para o trabalho de Ana no país inteiro. Por isso ela tem sido convidada a se manifestar em instituições como o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, o Arquivo Nacional.³⁴

Tonar-se acadêmica, para ela, significava estar em uma labuta constante, com compromisso e seriedade operando para a cultura sergipana, não serve apenas como um título que ele carrega com orgulho, para além disso, exige de si algumas responsabilidades que fizeram-na buscar contribuições importantes para a academia. Dentre elas, auferir a doação de acervos para a academia sergipana de letras como, o acervo total do Dr. Gonçalo Rolembergue, uma Obra de Jordão de Oliveira. Conseguiu todo acervo de João Passos, a biblioteca de Dom Luciano Cabral Duarte por pertencer ao instituto Dom Luciano. Além de conseguir ao esses acervos, realizou palestras como por exemplo, no Seminário em homenagem ao centenário da professora Ofensiva Freire, Fez texto sobre dona Ligia, e sempre que pode dá sua contribuição.

A agente Cultural

A contribuição de Ana Maria Fonseca Medida para cultura sergipana vai muito além das obras publicadas. No período em que esteve à frente do museu histórico, agiu como uma espécie de “operária cultural”. Iniciando em maio de 1990, sentiu-se realizada pelo fato de ter transformado o local em um “espaço de reflexão dos sujeitos sociais um local de estudo, um local em que a comunidade se refletia ali dentro”³⁵ levando uma interação entre museu, comunidade e educação.

Sua atuação no programa Museu Escola e Comunidade³⁶ foi algo marcante em sua trajetória, como uma agente cultural através desse programa ela realizou pesquisas, fazendo oficinas para orientar alunos e professores, deu vida ao museu, fazendo com que houvesse

³⁴ Ana Medina entra para Academia Sergipana de Letras, página 3 Jornal Cinform, Aracaju 12 a 18 de maio de 2008.

³⁵ Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 25 de janeiro de 2017. Aracaju-SE.

³⁶ Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 25 de janeiro de 2017. Aracaju-SE.

uma interação não só levando as pessoas ao museu, mas levando o museu até as pessoas, como por exemplo, fazendo oficinas em praça pública, onde todos pudessem ter acesso ao conhecimento.

O viés de historiador instigou a autora a trabalhar, sentir e viver a história das classes subalternas, com uma olhar que resplandece quando tem o acesso a mucro história, a história do povo e para o povo, algo que fizesse sentido ao público almejado, como por exemplo, a história dos operários, das suas angustias, alegrias e dramas.

Notavelmente, suas exposições realizadas no museu histórico de São Cristóvão, estavam presentes nos jornais sergipanos, muitas formas elas, dando ênfase aqui, aos trabalhos: os sete passos da paixão, uma exposição da qual foi criado um filme à luz desse trabalho, a museóloga de profissão, chegou a ser aplaudida de pé no Museu Histórico nacional em Petrópolis, através da apresentação desse trabalho, tal acontecimento encheu seu coração de felicidade e a sensação de missão cumprida.

Outra exposição que lhe trouxe um ótimo retorno do público, e bastante divulgada na imprensa, foi “casamento como um rito de passagem”³⁷, contando a história de 100 anos do rito cerimonial do casamento, apresentando desfile de vestidos de noiva, dentro do museu. Através de seus esforços ela conseguiu trazer para Sergipe diretamente da casa da moeda uma exposição, sobre o dinheiro, a evolução do dinheiro na história do mundo, os custos dessa exposição são altíssimos, mas os sergipanos não pagamos nada, e ganharam como brinde através dos esforços da museóloga.

Como um bom filho a casa torna, eis que a pequena Ana Maria, após adquirir suas conquistas pessoais, ainda cultivava em seu ser o amor a aquela terra onde surgiram suas lembranças de menina, lugar esse que com o passar dos anos foi-se perdendo suas características daquele passado próspero, com a chegada avassaladora da modernidade. E com seu pensamento fervilhando de ideias para reconstruí-lo, ela elabora à mão um projeto, que foi um verdadeiro presente dado em forma de amor aos Boquinenses, o museu de Boquim. Para a concretização desse projeto, foi de fundamental importância a participação da comunidade, onde forma realizadas gincanas nas escolas, a fim de conseguir objetos que passaram a fazer parte da ornamentação do museu. E com as palavras de Ana Medina, é narrado o dia de sua inauguração

³⁷ Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 25 de janeiro de 2017. Aracaju-SE.

através de várias gincanas nós conseguimos montar aquele museu, doações dos próprios meninos pedindo, todo mundo, parecia uma festa de casamento a inauguração daquele museu, todo mundo levava uma peça, levava uma coisa³⁸

Diante das vastas contribuições apresentadas nesse artigo, pode-se perceber que no decorrer de sua vida desde sua infância até os dias atuais, Ana Medina trouxe consigo exemplos de vidas através de seus pais, que a influenciou a desempenhar na sociedade à qual faz parte, de forma operante para o enriquecimento cultural de seus conterrâneos. Uma cidadã sergipana, que se destacou através de suas obras chegando a tornar-se imortal.

Referências

Fontes

Crônica: Tecendo Lembranças. Acervo pessoal de Ana Maria Fonseca Medina. s/d.

Oração gratulatória, no Colégio Santa Teresinha, em homenagem a Raymundo Fernandes. Acervo pessoal de Ana Maria Fonseca Medina. s/d.

MEDINA, Ana Maria Fonseca. Discursos acadêmicos, 15 de maio de 2008, p.23.

Entrevistas

Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 25 de janeiro de 2017. Aracaju-SE.

Entrevista com Ana Maria Fonseca Medina, em 22 de agosto de 2017. Aracaju-SE.

Impressos

MEDINA, Ana Maria Fonseca. Réquiem o Presidente, Jornal da Cidade. Aracajú, 24 de Ago. 1999.

COSTA, Luiz Eduardo. Opinião, pagina 11 Jornal do Dia, Aracaju. Maio de 2008.

Ana Medina entra para Academia Sergipana de Letras, página 3 Jornal Cinform, Aracaju 12 a 18 de maio de 2008.

³⁸ Idem.

Bibliografia

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. Usos e abusos da história oral. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

ELIAS, Norbert. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

LEVILLAIN, Philippe. Os protagonistas: da biografia. In: RÉMOND, René (Org.) Por uma história política. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

MEDINA, Ana Maria Fonseca. O Casarão de Astracã, Pagina 8 JUDICIARIUM N° 23, Aracajú, Abril de 1998.

MEDINA, Ana Maria Fonseca. Réquiem o Presidente, Jornal da Cidade. Aracajú, 24 de Ago. 1999.

MEDINA, Ana Maria Fonseca. Ponte do imperador: Ponte do Imperador símbolo da cidade. 2ª edição – Aracaju/SE: Gráfica J. Andrade 2005.

MEDINA, Ana Maria Fonseca. Trilhando Memórias: Boquim nas Primeiras décadas de Século XX. Aracaju, SERCORE, 2013.